

A PROPOSTA EVANGELÍSTICA DO PLANO QUADRIENAL 79/82

Bispo Paulo Ayres Mattos

O Concílio Geral de 1978 aprovou o Plano Quadrienal que em sua proposta evangelística pretendeu ser um desafio à toda nossa Igreja. Estavam os conciliares convictos de que a elaboração de tal plano foi conseqüência da presença e ação do Espírito Santo naquele conclave, chamando-nos a um compromisso mais coerente com a Missão que a Igreja tem recebido de seu Senhor, a fim de que ela ministrear em nome de Deus e de forma eficaz as necessidades do mundo ao nosso redor. A elaboração do plano teve como intenção conscientizar, mobilizar e integrar a igreja em função de objetivos, alvo e metas estabelecidos em torno do tema "Unidos pelo Espírito, Metodistas Evangelizam".

A partir de perspectivas Bíblicas e doutrinárias dentro dos princípios de fé aceitos pelo Metodismo Universal, o plano enuncia o conceito de missão que pretende nortear todo o seu desdobramento centrado na convicção de que o propósito maior do Deus Trino é estabelecer o seu Reino entre homens e mulheres de forma plena e abundante. O Ministério - terreno de Jesus Cristo profundamente comprometido com este propósito e realiza-se mediante a proclamação do Reino de Deus e de suas exigências e imperativos sobre todas as dimensões do ser humano: "O Reino de Deus está próximo, arrependei-vos e credes no Evangelho" (Mc. 1: 15).

A Igreja de Deus é estabelecida por Cristo na ação do Espírito com a finalidade de proclamar a soberania divina sobre toda vida humana e incorporar-se ao propósito divino, mediante o poder do Espírito, exercendo sua tarefa evangelizante, chamando a todos os homens e mulheres a se submeterem à vontade de Deus expressa em Jesus Cristo. (PQ III. C.1.2.3.).

Os bispos da Igreja na Pastoral sobre a doutrina do Espírito Santo e o Movimento Carismático aprofundaram nossa compreensão do conceito "Reino de Deus". Afirmamos que o Reino de Deus, dom divino gracioso a todos nós, transcendente a toda instituição humana, não se restringindo nem mesmo às fronteiras da própria Igreja. Sua manifestação não é algo fora dos limites da história, mas já se dá ainda que de forma incompleta dentro do presente tempo, pois pela ação do Espírito já podemos perceber os seus sinais na nova criação que o Pai iniciou mediante a gloriosa ressurreição de Jesus Cristo. Aguardamos com grande expectativa a sua vinda plena a fim de consumir aquilo que agora conhecemos só como primícias, esperando que com seu advento se estabeleça definitivamente o primado do direito e da justiça, da paz plena, do amor imorredouro, da alegria perene (Isaías 9: 1-7; 11: 1-10; 65: 17-25; Apocalipse 21; 22: 5). Nossa atitude é de ardente expectativa: nós o esperamos. É por isso que oramos: "Venha o teu Reino! Maranatha! Ora vem Senhor Jesus!" (Pastoral sobre a Doutrina do Espírito Santo e o Movimento Carismático

Motivado pelo tema central do Reino de Deus, o Concílio Geral de 1978, desenvolveu a conceituação da missão da Igreja nos seguintes termos:

"O Propósito de Deus é libertar o ser humano de todas as coisas que o escravizam, concedendo-lhe uma nova vida à imagem de Jesus Cristo, através da ação e poder do Espírito Santo, a fim de que, como Igreja, continua neste mundo e neste momento histórico, sinais concretos do Reino de Deus".

"O propósito de Deus é salvar o ser humano, concedendo-lhe nova vida à imagem de Jesus Cristo, integrando-o no seu reino, através da ação do poder do Espírito Santo, a fim de que, como Igreja, continua neste mundo e neste momento histórico, sinais concretos do Reino de Deus. A missão da Igreja é participar da ação de Deus nesse seu propósito".

"A Fé Cristã é inclusiva alcançando todos os homens, todas as instituições, e todos os setores da vida, bem como o homem total, nos diferentes aspectos de sua vida. A Fé Cristã é para todos os homens, em todos os lugares e em todas as épocas. O amor de Deus revelado e

encarnado em Jesus Cristo, é suficiente para cobrir e alcançar qualquer tipo de homem, quaisquer que sejam suas idéias, suas condições sociais, políticas, econômicas ou religiosas. A Fé Cristã é também, para o homem todo, isto é, para a totalidade do homem, incluindo o seu corpo e todas as suas exigências, incluindo o seu espírito e tudo o que isto significa na vida humana. Não há, pois, na vida de alguém, qualquer aspecto que seja estranho ou impossível ao amor redentor de Deus em Jesus Cristo”.

“O mundo é objeto do amor e da ação de Deus. O mundo é o palco onde a Igreja Cristã cumpre a sua missão. O mesmo é a habitação dos seres humanos: ali eles nascem, crescem, sofrem, se alegram, alcançam vitórias e derrotas; ali eles são confrontados com Jesus Cristo, ali eles se qualificam para o Reino de Deus”.

“Tudo na Igreja Metodista é e existe para a missão, que é a renovação do homem em Jesus Cristo, sua entrada no Reino, e o seu contínuo crescimento, de tal sorte que tenhamos não apenas "mais" homens cristãos, mas igualmente tenhamos cristãos "melhores", isto é, mais plenamente possuídos pelo Espírito Santo”.

“A Fé Cristã é uma qualidade de vida, uma forma de vida e conseqüentemente, cuja característica essencial é o amor de Deus. O que caracteriza o cristão é a vida de amor. Amar é servir. O cristão só é cristão na proporção em que se torna participante, ativo, voltado para a missão divina no mundo; na proporção em que "a fé se expressa em obras, a fim de não estar morta"; na proporção em que se torna uma carta de Deus para o mundo, para os outros, sob a direção e inspiração do Espírito Santo”.

Podemos sumarizar dizendo que a Missão de Deus da qual a Igreja participa está voltada para todas as pessoas em todas as dimensões de sua vida, quer pessoal, quer social, dentro do mundo em que vivemos, com as suas contradições, necessidades e aspirações. A igreja chamada a ser proclamadora da mensagem salvífica e ao mesmo tempo sinal do Reino de Deus, deve empregar todos os seus recursos (humanos, materiais e financeiros) em benefício de tal Missão, o que lhe impõe a exigência de um estilo de vida forjado segundo o exemplo de Jesus Cristo.

Para se alcançar e realizar destes objetivos evangélicos o Plano Quadrienal reconhece como imprescindível a preparação da Igreja sempre voltada para a Missão, conforme acima descrita. O Povo de Deus necessita ser continuamente equipado e capacitado para o exercício da Missão, testemunhando a Cristo dentro da realidade concreta em que foi colocado por Deus, através da evangelização e do serviço.

O Concílio Geral reconheceu o fato de que este preparo mediante a nutrição e a capacitação do Povo de Deus impõe a exigência de um ministério ordenado, separado especialmente para este serviço. Estes obreiros deverão ocupar-se continuamente em criar condições que possibilitem os leigos a exercerem no mundo um testemunho cristão eficaz, proclamando as boas novas de salvação de que Jesus Cristo é Senhor e Salvador, e servindo ao próximo em suas necessidades numa expressão de amor fraterno e de solidariedade altruísta.

O conceito missionário e evangelista conforme estabelecido pelo último Concílio Geral reconhece o dinamismo permanente do contexto onde a Missão de Deus acontece. Por isso, a Igreja de Cristo, a exemplo da Igreja Primitiva, e do movimento metodista no séc. XVIII, deve estar aberta à constante renovação operada pelo Espírito Santo a fim de poder responder de maneira adequada à exigências que a Missão enfrenta diante dos clamores angustiosos do mundo em que vivemos.

Na medida que a renovação que vem de Deus opera na Igreja poderemos ver desabrochar entre nós uma forte e autêntica vida comunitária em nossas igrejas locais, instituições e órgãos administrativos, que inspirará uma vivência solidária entre os seus membros. Através do apoio mútuo e da disciplina comum, motivará sob a ação do Espírito Santo um engajamento consciente na tarefa de proclamar e sinalizar o Reino de Deus e a sua justiça.

Ora, temos de reconhecer que o Plano Quadrienal nos propõe uma ação missionária e evangelizadora com desafios que questionam nossa presente vivência como Igreja. Onde, porém, o Concílio Geral de 1978 foi buscar inspiração para formular proposta tão desafiadora e questionadora?

O próprio Plano Quadrienal responde:

“Em primeiro lugar, em nossas próprias raízes históricas conforme vividas na experiência do metodismo resultante do grande avivamento wesleyano no século XVIII. Inspirada pela “linha de esplendor sem fim”, os conciliares em Piracicaba formularam o seu desafio evangelístico à Igreja, conscientes que o faziam mediante a direção do Espírito de Deus”.

“Em segundo lugar, nos desafios que nossa realidade histórica com sua própria problemática social-cultural-política-econômica nos apresenta a cada dia. Há clamores que atingem à Igreja continuamente, vindos de diferentes setores de nossa sociedade, diante dos quais não podemos ficar insensíveis”.

Daí aquele conclave máximo de nossa Igreja, representando as mais diferentes enfoques teológicos, afirmar que como metodistas somos chamados a constituir dentro desta nossa realidade, no presente momento histórico, sinal concreto do Reino de Deus.

Com essa visão do Reino de Deus não é de se estranhar que o Plano quadrienal reafirme claramente que a posição metodista anti-sectarista, reconhecendo que como movimento somos parte da santa, uma, católica e apostólica Igreja de nosso Senhor Jesus Cristo. O Plano Quadrienal, Fiel ao espírito dos irmãos Wesley, anuncia a ecumenicidade e catolicidade do Metodismo, sem contudo renuncia nossas características próprias e nossa vocação específica como povo chamado metodista. Como parte da Igreja Universal de Cristo, recebemos um chamado peculiar, que ao mesmo tempo nos difere das demais confissões cristãs e nos faz responsáveis no compartilhar com elas tal chamado. Mais, ainda, repetindo a visão de Wesley, reafirma a convicção de que, levantados por Deus no século XVIII, os metodistas na medida em que são submissos à ação renovadora do Espírito Santo, a fim de realizar a tarefa de proclamar o Evangelho de Jesus Cristo, em palavra e vida, querem eles ser obedientes à vontade de Cristo de preservar até onde lhes for possível a unidade da família da fé, pois isto é vital para o desempenho fiel da Missão que Deus lhes confiou. (João 17).

Como conseqüência de toda esse elaboração, o Plano Quadrienal formula a sua proposta maior nos seguintes termos:

- Orientar o povo metodista na sua vivência cristã sob a dinâmica do Espírito Santo que, em unidade, crescimento e serviço, promove a evangelização, em meio à realidade concreta do mundo.

Passados dois anos da implantação do Plano Quadrienal, qual é a situação e o desempenho da Igreja na Região? Cumpre agora procurar avaliar a realidade da situação da Igreja metodista em nossa Região.

A REALIDADE DA SITUAÇÃO DA IGREJA METODISTA EM NOSSA REGIÃO

Após três anos exercendo o episcopado metodista na 1ª Região Eclesiástica, conhecendo já agora a grande maioria de nossas comunidades localizadas nas diferentes áreas sócio-econômicas do Estado do Rio de Janeiro, ousou fazer algumas observações representam um aprofundamento da avaliação feita em meu relatório ao XXI Concílio Regional da 1ª Região Eclesiástica, realizado em janeiro de 1979.

Renovo a análise então apresentada quanto a dicotomia verificada entre a religião privada e a religião social que se manifesta amiudadamente no trabalho realizado nos diferentes níveis de ação da Igreja na Região. Esta desassociação entre as realidades sagrada e profana da vida, é completamente estranha ao melhor ensino bíblico, tanto do Antigo como do Novo Testamento, e também as melhores tradições metodistas, compromete seriamente o exercício da Missão.

Tendo visitado grande número de Igreja da região e despedindo muitas horas em diálogo com pastores e líderes, reunindo-me em diversas ocasiões com os obreiros da região, chego a conclusão que a situação regional não apresenta significativas alterações, apesar de todo esforço regional feito através da execução das programações que compõem o Plano de Trabalho do Biênio 79/80, tanto a nível dos leigos como dos pastores. Mais ainda: contato que tanto as Igrejas locais como pastores sentem grande dificuldade em desenvolverem uma programação integrada e coerente com as propostas do Plano Quadrienal, especialmente nas áreas da Evangelização, da Educação Cristã, da Ação Social e da Unidade Cristã. além disso, muitas igrejas não têm se consolidado, apresentando-se por vários anos num estado permanente precariedade, sem demonstrar sinal de avanço. Diversas são as razões que vem provocando este fenômeno entre nós. Não tem havido por parte da liderança regional uma preocupação definida e manifestada através de um levantamento de situação e de um planejamento de trabalho que possibilitem a consolidação dessas Igrejas. Algumas delas enfrentam dificuldades quanto a administração, a outras faltam recursos humanos, outras sem condições econômicas-financeiras, outra com dificuldades quanto as dependências adequadas para o trabalho, e a outras faltam tudo isto.

Faz-se necessário providências adequadas quanto ao levantamento dos problemas, formulação de diagnóstico das causas dos problemas, elaboração de um planejamento visando a superação da situação atual. Todo este processo deve levar em conta a participação consciente do laicato, evitando-se qualquer tipo de paternalismo ou autoritarismo.

Por favor, não me considerem pessimista por causa das observações que passado a fazer. O fato de realçar problemas, não significa que ignoro o positivo do trabalho que estamos realizando: Quero somente ajudar os irmãos e irmãs e refletirem criticamente sobre nossa situação e desempenho das Igrejas na 1ª Região Eclesiástica.

A) ÁREA DE EVANGELIZAÇÃO

O trabalho evangelístico, com honrosas exceções, tem marcado passo, não alcançando o índice mínimo de 15% de crescimento líquido anual, proposto no Programa Bienal da Região. Algumas igrejas e pastores se encontram profundamente introvertidos e são incapazes de qualquer sensibilidade para com as necessidades das pessoas que vivem nas comunidades em que os metodistas se encontram trabalhando. Não há em muitos casos visão missionária, vivendo-se somente em função da vida interna, gastando-se todo o potencial de trabalho em tarefas sem projeção evangelística, não demonstrando qualquer preocupação com o mundo fora das quatro paredes de nossos templos. Para tais casos podemos dizer que o IDE... FAZEI DISCÍPULOS não passa de uma bela frase retórica; nada mais que isto. A perda anual de membros continua sendo acentuada, numa demonstração de nossa fragilidade comunitária em preservar na comunhão da Igreja aqueles que a ela se se afiliaram, através de um programa de nutrição permanente e contínua que possibilitarão o seu crescimento cristão e sua capacitação para a Missão. Os programas de preparação evangelística de modo geral inexistem e o que é feito nada tem de criativo, limitando-se a repetir o rotineiro e o convencional.

B) ÁREA DE EDUCAÇÃO CRISTÃ

b.1) Escola Dominical

O Trabalho de Educação Cristã se mostra muito frágil. A maioria de nossas escolas dominicais, além das dificuldades encontradas no uso das publicações da Igreja, defrontam-se

com a falta de interesse tanto por parte dos alunos como por parte dos oficiais e dos professores. Há mais de uma década vem se verificando um esvaziamento na matrícula de alunos, o que manifesta a perda de interesse de um grande número de metodistas pelas atividades da mais importante agência que a Igreja possui de formação doutrinária e de capacitação do laicato para a Missão. Ademais, nossas escolas dominicais vem gradativamente deixando de ser agência evangelística, não mais aglutinando pessoas interessadas no Evangelho com possibilidade de se tornarem membros professos da Igreja. Também a maioria das igrejas não mais possuem escolas dominicais pioneiras, focos de expansão da Igreja, o que também demonstra a perda ou a falta de visão missionária de grande maioria do nosso povo. O resultado disto é a desorganização e o desânimo em muitas de nossas escolas dominicais, a falta de obreiros interessados e a deserção crescente dos alunos.

b.2) Grupos Societários

Outro setor da área de educação cristã que apresenta problemas graves é o dos grupos societários. A nível regional é evidente que o trabalho se desenvolve com menos dificuldade, onde as senhoras conseguiram preservar sua estrutura regional e os juvenis e homens conseguiram pouco a pouco se reabilitar, restando aos jovens a consolidação do processo de sua recuperação. A nível local, contudo, com a exceção das senhoras em diversas Igreja, o quadro não é muito animador. O trabalho local com os homens ainda é bastante precário; em muitas igrejas as senhoras mais jovens não conseguem se entrosar com as sócias mais idosas; os jovens na sua maioria estão completamente desentrosados, agrupando-se com muitas dificuldades e até mesmo conflitos nos "conjuntos musicais", mas sem qualquer organização que os integre na programação mais ampla da Igreja; os juvenis carecendo muitas vezes de uma orientação que os ajude a fortalecer a fé e a superar os conflitos próprios da idade sem romper com a Igreja ou até mesmo com a fé. Tudo isto significa o desperdício de um inestimável potencial de valores, pois sem um programa claro de preparo, treinamento e capacitação do laicato através dos grupos societários a Igreja fica sem condições de desenvolver um arrojado plano de ação nos campos da evangelização e da ação social.

Tanto as escolas dominicais como os grupos societários deveriam servir de sustentáculo da vida e disciplina comunitária de nossas Igrejas, ao mesmo tempo fortalecendo a comunhão dos irmãos e irmãs entre si e preparando a comunidade dá fé um efetivo testemunho no mundo. Nenhuma outra organização que possuísse tais agências as negligenciaria como o faz nossa Igreja.

C) ÁREA DE AÇÃO SOCIAL

A terceira área de ação onde se constata problemas ainda maiores é a de ação social ou comunitária. Creio que a intenção dos legisladores, ao mudarem a expressão "ação social" para "ação comunitária" nos Cânones da Igreja, já expressa parte da problemática que se verifica nesta área de ação. É quase que assombroso o descaso ou apatia de grande parte de nossas igrejas quanto à dimensão social do testemunho cristão. Há inclusive casos da Igreja onde não mais existe qualquer expressão de preocupação pelas necessidades nem mesmo dos próprios domésticos da fé. Não se levanta mais as ofertas para os pobres por ocasião da Ceia do Senhor; a festa do quilo que arrecadava mantimentos não mais existe. E isto falando-se do assunto ao nível do mais primário assistencialismo; quanto mais se pensarmos em termos de promoção humana ou ação social propriamente dita, levando-se a questão a nível dos direitos humanos, políticos e sociais, já garantidos pela legislação mais justa e humana como é o caso da violência e da miséria que se apresentam em escalas cada vez maiores. Numa sociedade que pretende ser realmente democrática e livre, com a participação de todos os setores consciente do povo brasileiro, os ensinamentos do Credo Social são desconhecidos e ignorados pela maioria dos metodistas, clérigos e leigos. E lastimavelmente não passam também de peça retórica, pois não se encarnam na vivência interna da Igreja e muito menos no testemunho social dos metodistas em face da atual conjuntura que o país atravessa. Falta de modo generalizado consciência quanto a responsabilidade social dos cristãos. E o que é pior, às vezes até aversão.

D) ÁREA DE UNIDADE CRISTÃ

A área de Unidade Cristã apresenta também sérias dificuldades. O Metodismo sempre tem se caracterizado por sua visão não sectária e não proselista no exercício do testemunho cristão. Nossa maneira liberal de encararmos as outras tradições cristãs tem sido um dos apanágios da nossa história, nos comprometendo com todas as causas que visam promover em unidade um testemunho comum dos cristãos, desde a criação das sociedades bíblicas até o processo de formação de Igrejas Unidas, como no Sul da Índia e no Canadá. Neste sentido temos sido fiéis seguidores de nosso Pai espiritual, João Wesley. As dificuldades surgem, contudo, quando o povo chamado metodista não está suficientemente consciente de suas próprias bases doutrinárias, de sua história tradição litúrgica, e de seu sistema de governo episcopal de que nossa aproximação com a Igreja Católica Romana tem trazido graves conseqüências para a vida de nossa Igreja, arrefecendo inclusive o vigor evangelístico. Não se tem ouvido destes mesmos grupos, entretanto, observações quanto a descaracterização do povo metodista sob o bombardeiro constante da pregação feita por seitas e por movimento pseudo-evangélicos. Sobre esta questão já me pronunciei no relatório ao XXI Concílio Regional.

O ponto que quero realçar aqui é que de certa forma sido vítimas de nossa atitude liberal ingênua que nos tem tornado indefesos a influência que nada têm a ver com o espírito e a forma do Avivamento Metodista do século XVIII. A verdade é que em nossas comunidades as marcas do Metodismo manifestam-se vez mais de maneira escassa. Por um lado, temos perdido nossa visão evangelística e nossa insistência no valor da religião prática, e por outro lado temos perdido nossa ênfase no trabalho junto, ao lado dos setores mais pobres e marginalizados em nossa sociedade. Não temos sido capazes de manter o equilíbrio entre uma forte vida litúrgica e um ambiente entusiástico e fervoroso de louvor e adoração a Deus; entre uma vida de autêntica piedade cristã e uma sólida formação intelectual quanto às doutrinas cristãs; entre um profundo e humilde espírito católico aberto a todos os grupos cristãos e uma atitude de fidelidade às nossas doutrinas e sistema do governo eclesiástico; entre uma vida de constante comunhão com Deus, mediante a oração e leitura devocional da Bíblia, e um engajamento evangélico nos problemas e questões sociais de nosso tempo; entre uma vida de santificação pessoal e a manifestação da santidade nas questões concretas do dia a dia; entre um autêntico compromisso evangelístico e uma corajosa ação social; entre uma vida comunitária que valorize o testemunho e o serviço dos leigos e um ministério profundamente vocacionado em sua vivência pastoral. Assim sendo, o que vemos na prática é a unidade do povo metodista completamente destorcida e até mesmo negada.

Dentro deste quadro não é difícil entender o por quê dos problemas que ameaçam seriamente a possibilidade de sobrevivência do Metodismo como um movimento cristão com uma tarefa específica a ser realizada junto às demais tradições cristãs em sua tarefa comum de proclamar o Evangelho de Jesus Cristo. Este estado de coisas da presente situação da Igreja Metodista em nosso país é o responsável pelas dificuldades que se enfrenta para implantar a proposta evangelística contida no Plano Quadrienal aprovada no último Concílio Geral, em 1978, na cidade de Piracicaba. A viabilização de uma perspectiva evangelística que tem no seu horizonte maior a pretensão de atingir homens e mulheres na inteireza e integridade de sua atual situação existencial, esbarra no obstáculo de projetos de ação pastoral que não lhe correspondem. Não há uma mobilização geral de todos os setores da Igreja Metodista, tendo leigos como clérigos, para se assumir de corpo e alma os objetivos do Plano Quadrienal. Aqui cabe a questão: quais são estes projetos que impedem a viabilização do Plano Quadrienal?

ANÁLISE DOS MODELOS DE AÇÃO PASTORAL DA IGREJA

Permitam-me, caros irmãos e irmãs conciliares, classificar de maneira não muito sistematizada tais projetos em três categorias, somente para efeito de análise. É verdade que na prática freqüentemente os projetos se cruzam, vindo apresentar um mosaico muito mais variado.

Sem tentar com a formulação dos modelos nem abarcar a realidade, nem dissecá-la como um cadáver, espero poder clarear um pouco mais o panorama diante de nós.

a) MODELO TRADICIONAL DE AÇÃO PASTORAL DA IGREJA

O Primeiro modelo chamo de tradicional. Este modelo possivelmente seja o majoritário em nossas comunidades e em nosso ministério pastoral. Suas raízes históricas se acham no movimento pietista, conforme foi vivido nos grandes despertamentos religiosos do século passado nos Estados Unidos da América do Norte, especialmente nas comunidades americanas sulistas e da fronteira americana. Tais movimentos influenciaram profundamente o movimento missionário protestante americano que enviou seus obreiros à América Latina, inclusive o metodista. Do ponto de vista histórico este modelo tem muito a ver com o projeto rural - agrário dos sulistas americanos, que foram derrotados na Guerra Civil americana pelos nortistas, que possuíam um projeto voltado para a cidade e para a industrialização do país. O projeto sulista de sociedade que estava falido em seu próprio país, vai ser transplantado para os campos missionários. Não é demais relembrar o fato que mesmo antes da guerra, em 1844 a Igreja Metodista Episcopal se dividiu, dando lugar à formação da Igreja Metodista Episcopal do Sul, exatamente por causa da questão social da escravidão. Enquanto os nortistas americanos, fiéis ao ensino de João Wesley, eram contrários à escravidão, os sulistas procuravam defender o direito do Bispo Andrew tornar-se senhor de escravos em razão de seu casamento com uma senhora que já os possuía antes de contrair com ele tal matrimônio. Não é de se estranhar, portanto, que nos anos que se seguiram à divisão se desenvolvesse entre os metodistas do Sul dos Estados Unidos toda uma teologia profundamente conservadora, voltada para uma vida cristã preocupada somente com as realidades espirituais, defensora não só da escravidão, mas até mesmo sua justificadora. Neste contexto é claro que o tipo de religião resultante só pode ser introvertido, escapista, socialista acomodado; politicamente conservador e ferrenho sustentáculo do status quo. É com esta mentalidade que em boa fé muitos missionários vêm para o nosso país, confundindo ingenuamente o Evangelho de Jesus Cristo que proclamavam com sua ideologia rural e agrária, própria do Sul dos Estados Unidos. E não podemos ignorar o fato de que o Brasil que encontravam muito se assemelhava com o contexto que haviam deixado atrás de si; rural, agrário e escravocrata. É provável que esta tenha sido a mola propulsora que logo nos nossos sertões adentro, atingindo zonas que naquela época se encontravam quase que completamente isolados do Rio de Janeiro e de São Paulo. Basta lembrar que uma das mais antigas igrejas de nossa região é a de Barra Mansa, que foi organizada na fazenda localizada no Sertãozinho, e que a maioria das igrejas urbanas tem se beneficiado do êxodo para os centros urbanos dos membros das igrejas localizadas em zonas rurais, a exemplo da relação entre Anta e Vila Isabel ou Vargem Alegre e as igrejas de Niterói.

O modelo tradicional sendo introvertido, voltado somente para as atividades chamadas espirituais, apresenta um conceito de evangelização também introvertido, preocupado somente em salvar as almas dos indivíduos, separá-los completamente do mundo em seu redor, centrados na satisfação das suas necessidades individuais, ocupando todo o seu tempo livre em atividades meramente religiosas, evitando a todo o custo o envolvimento com assuntos de ordem secular. A vida religiosa esgota-se na comunidade da fé. Como sua visão da realidade é estática, rapidamente as funções tanto dos pastores como dos leigos são assimiladas e, não havendo necessidade de se manter um processo de permanente renovação, o que seria exigido caso a visão da realidade fosse dinâmica e, portanto, questionadora dos comportamentos estabelecidos e criativamente desafiadora. A contra-partida deste modelo é o por um lado se dá a cristalização de comportamentos, o que motiva a rotina, e por outro incorpora com rapidez os valores próprios de classe média, já que o rígido código moral protestante proporciona a acumulação de recursos financeiros que facilitam a ascensão social. Aliás, alguns analistas reconhecem que tais valores são inerentes à visão protestante da vida, como é o caso do sociólogo Max Weber, famoso por sua obra "A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo". A situação piora quando se cai sob a influência do fundamentalismo.

Devido a sua introversão, a tendência à rotina, à sua quase nenhuma criatividade e a reclusão característica da classe média o modelo pastoral tradicional esgota sua atividade

evangelística sem muita demora, o que é facilmente verificado pelo baixo índice de crescimento numérico. Além do mais, é acentuadamente proselitista.

Este modelo é responsável também pela hipertrofia administrativa das tarefas pastorais, já que o pastor tem que fazer alguma coisa para justificar o subsídio que recebe da Igreja. Devido a estaticidade e rotina do modelo, a tarefa pastoral do ponto de vista programático fica em muito esvaziada, o que se agrava ainda mais pelas dificuldades atuais do pastor desempenhar o tradicional ofício de visitador e pelo fato de pregação estar sendo substituída em nossas igrejas pouco a pouco pelo cântico de corinhos e a apresentação espontânea de testemunhos. A verdade é que a maior parte do tempo de trabalho do pastor é consumido em atividade de ordem administrativa. E isto não é de agora. O exame dos Cânones que a Igreja tem produzido desde a Autonomia em 1930, mostra claramente como as tarefas administrativas sobrepõem-se às de ordem pastoral. O processo de hipertrofia administrativa das funções pastorais foi acentuado com a transferência da competência administrativa da Junta de Ecônomos para o Conselho Local, do qual o pastor é o presidente e, portanto, o principal responsável pela administração da Igreja Local. Não estou aqui advogando o retorno de tais funções à Junta de Ecônomos, mas somente atestando o fato de que o pastor canonicamente se acha sobrecarregado de atividades administrativas, em detrimento às funções eminentemente pastorais. Aliás, esta hipertrofia da figura do pastor pode ser observada em quase todas as áreas da vida da Igreja.

Como se deduz facilmente do que acabo de mencionar, o modelo pastoral tradicional prevalecendo em nossa Igreja ignora ou relega o plano secundário e inserção do crente no mundo, em sua afã de testemunhar Cristo como Senhor em todas as dimensões do viver humano. As conseqüências inevitáveis são a pobres capacitação do laicato para o testemunho cristão, evidenciando na situação precária de nossas escolas dominicais e grupos societários, e a quase total indiferença pela responsabilidade social do cristão, manifestada na baixa performance de nossas comissões locais de ação comunitária. Com isto, a Igreja deixa projetar o seu testemunho na comunidade e na sociedade em geral. A igreja é o "ghetto" dos crentes. A voz profética da Igreja fica silenciada diante das injustiças e dos clamores dos oprimidos. A pretensa isenção da Igreja diante de tais fatos expressa na frase "a Igreja não se mete em política", significa sim a sua complacência com os desmandos imorais e a violência institucionalizada em nossa sociedade, sua falta de sensibilidade para as questões sociais da nossa época, seu apoio à manutenção do status quo. No fundo, apesar de todas mudanças ocorridas no país, a proposta do modelo ainda e à mesma fundamentada na visão rural-agrário.

A verdade é que este modelo não responde de modo satisfatório à exigências da Missão conforme enunciadas no Plano Quadrienal.

b) MODELO NEO-TRADICIONAL DE AÇÃO DA IGREJA

O segundo modelo eu denomino de neo-tradicional. Em sua teologia não difere do primeiro modelo; seus pressupostos e suas propostas são iguais. O que faz diferença é a forma de sua apresentação. A mesma visão é agora apresentada com nova roupagem, mais moderna, com maior sofisticação e dinamismo em sua transmissão da mensagem, procurando tratar de assuntos do momento, mais ao dia com os progressos dos meios de comunicação social. O conteúdo, todavia, segue inalterado. A questão está em que na medida em que tal modelo emprega a tecnologia atual de conquistar não só a atenção de sua clientela, mas também as suas ofertas, em troca de um momento de refrigério num mundo de turbulências, o modelo neo-tradicional está conseguindo um razoável sucesso. A fim de recuperar o espaço perdido, as igrejas tentam imitar os exemplos mostrados pelos meios de comunicação social, buscando beneficiar-se de seu êxito. Tal intento tem conseguido atingir de modo especial a juventude de nossas igrejas, que estimulados pelo êxito de alguns conjuntos de boa qualidade musical, mas cujas letras de suas melodias repetem clichês teológicos alguns bastante surrados, procuram imita-los em sua forma de apresentação, tentando não só alterar a ordem do culto, mas se possível até mesmo substituir a pregação da Palavra. É verdade que mesmo entre os jovens pode se perceber uma expectativa de melhor orientação bíblica e doutrinária, e onde uma pregação vigorosa é desenvolvida dentro

do contexto de uma liturgia viva torna-se possível evitar-se maiores contratempos soprados por outros arraiais que nada têm a ver com a nossa melhor tradição metodista. O problema, contudo, é que o modelo neo-tradicional cativa congregações cansadas de ouvir sermões repetitivos e superficiais.

Outra manifestação deste segundo modelo está em alguns métodos de evangelização que apesar de usar técnicas inovadoras não apresentam qualquer mudança na concepção evangelística do modelo tradicional; antes, pelo contrário, procura reforça-lo ainda mais, sendo que agora de maneira mais hábil. É o caso do já agora por demais badalado método do discipulado, que pode ser usado a serviço de qualquer teologia, especialmente das mais tradicionais e conservadoras. É interessante notar-se que alguns defensores do discipulado são de certa forma adversários daqueles que preferem a evangelização de massa do tipo "cruzadas evangelísticas" ou séries de conferências. Argumentam tais adeptos que como método o discipulado tem se mostrado mais eficiente do que as cruzadas evangelísticas. A atitude, todavia, segue sendo proselitista.

A figura do pastor no modelo neo-tradicional, ainda que lhe conserve bastante tarefas administrativas, procura antes privilegiar as atividades de formação bíblico-doutrinária e de capacitação dos leigos para o exercício do discipulado de outras pessoas. O problema é que ainda o pastor é uma figura hipertrofiada, especialmente quando ele é uma pessoa com habilidade para liderança de grupos. Há um cordão umbilical entre o pastor e os leigos que permanece intato, forçando assim a uma relação de dependência paternalista entre eles. Não há a devida valorização da escola dominical nem dos grupos societários, que quando bem aproveitados podem produzir uma liderança leiga que não seja dependente da pessoa do pastor, embora a ele recorra quando necessário. Com isto não se proporciona um autêntico processo de amadurecimento cristão do laicato da Igreja.

Outro ponto em comum com o modelo tradicional é o desprezo que o segundo modelo dispensa à dimensão social do testemunho cristão, apesar de se notar tentativas no sentido de levar os crentes a assumirem uma presença mais ativa na sociedade, mesmo dentro de uma visão social conservadora, quando não reacionária, como é o caso do Movimento Cristão de Centro. De fato sua concepção social ainda ajuda a preservar o status quo.

c) MODELO LIBERAL-PROGRESSISTA DE AÇÃO DA IGREJA

O terceiro modelo que podemos perceber é o liberal-progressista. Fruto da herança liberal do protestantismo missionário (especialmente o dos obreiros envolvidos na criação e sustento das escolas seculares pertencentes à Igreja Metodista, como o Bennett e o Granbery), este modelo vai buscar na teologia neo-ortodoxa sua fonte de inspiração teológica, especialmente no pensamento de teólogos como Barth, Brunner, Tillich, os irmãos Niebuhrs, Bennett e outros que procuram recuperar a dimensão social do testemunho cristão, inspirados nos grandes reformadores do século XVI.

Sua visão se inspira na ideologia liberal que objetiva a construção da sociedade fundamental na igualdade de todas as pessoas, na liberdade como bem inalienável a todo ser humano, na realização de relações sociais fraternas. A Declaração Universal dos Direitos Humanos pode ser considerada sua carta magna. Daí sua rejeição a toda forma de totalitarismo, em defesa intransigente da superioridade do regime democrático, sua ênfase na educação como instrumento adequado para as classes pobres superarem sua presente situação de matéria e exploração, pois crêem que a democratização do sistema educacional facilita a ascensão social dos menos favorecidos, eliminando-se gradualmente as desigualdades existentes na sociedade, criando assim maiores possibilidades de mobilidade social.

As propostas deste modelo são formuladas a partir dos valores pequenos-burgueses próprios à intelectualidade forjada nas universidades liberais da Europa e dos Estados Unidos, muito mais voltada para as exigências da sociedade capitalista industrial-urbana de projetos

baseados na aplicação de técnicas racionais, numa atitude de superioridade, consciente ou não que muitas vezes beira as raias de um completo desprezo pela opinião dos setores mais populares da sociedade, pois os seus componentes se consideram possuidores do conhecimento que os habilita a elaborar na solidão dos gabinetes corretos projetos para solucionar os problemas da vida contemporânea. Devido à sua atitude elitista, estes setores tendem a isolar-se numa torre de marfim, demonstrando um acentuado individualismo, o que aliás também pode ser notado nos dois primeiros modelos expostos (tal coincidência não deve ser entendida como algo casual, mas decorrente das raízes comuns encontrados no espírito capitalista, em si mesmo basicamente individualista). A verdade é o que este setor tem uma incapacidade de compreender o povo humilde.

O modelo de ação pastoral formulado a partir desta visão das coisas é característico daqueles elementos que depois de freqüentarem a Faculdade de Teologia, têm tido a oportunidade de realizar estudos especiais e de pós-graduação em universidades metodistas nos Estados Unidos e em Faculdades de Teologia de Universidades Européias. Com a presença destes elementos nas instituições teológicas da igreja, tem havido a disseminação deste modelo entre o jovem clero da igreja, mas sempre estará limitado a um pequeno grupo dentro do pastorado da igreja, para não falar da Igreja como um todo. A verdade é que se constitui numa pequena elite intelectual que devido a sua própria formação se encontra isolada da vivência da maioria das comunidades locais da igreja ainda que esteja desempenhando funções pastorais em tais comunidades.

A proposta pastoral deste modelo procura de certa forma superar as dicotomias próprias aos dois modelos anteriormente analisados. O problema está nas dificuldades geradas pelo elitismo próprio do modelo quando se procura viabilizá-lo na prática das Igrejas Locais. Normalmente se estabelece um choque dentro da comunidade por causa da maneira anti-pedagógica com que as propostas são desenvolvidas, usualmente provocando mudanças abruptas nas diferentes áreas de ação da Igreja, inclusive na interpretação da Bíblia, no entendimento das questões morais, no uso da liturgia e do conteúdo das pregações, sem que a maioria dos membros da congregação sejam incorporados no processo de mudança. A única reação que resta aos crentes é a rejeição pura e simples das tentativas e experimentadas mordenizadores.

A ação evangelística deste modelo não aceita a preocupação proselitista própria dos dois primeiros modelos. Recusa-se a desenvolver os métodos tradicionais e evangelísticos, muitas vezes negando-lhes inclusive qualquer validade bíblica teológica.

Estão mais interessados na qualidade do que na quantidade dos membros das igrejas. A questão, contudo, é que ao recusar os métodos considerados não só obsoletos mas também teologicamente inadequados, não tem havido de parte deste setor uma proposta que leve a sério a necessidade de confrontar o ser humano com a pessoa de Cristo enquanto Senhor e Salvador. Creio, inclusive, que a sua ênfase na qualidade e não na quantidade é decorrente do fato de seu desprezo inconsciente às massas, ao povo simples. A verdade também é que não tendo uma proposta evangelística alternativa, sendo estes grupos de gente de classe média, fecham-se em torno de si mesmo, tornando-se bastante introvertidos sem conseguir alcançar nem mesmo outras pessoas da própria classe média.

A ação social destes grupos se caracteriza por projetos que embora não assistencialistas, ainda guardam grande dose de paternalismo, já que não desenvolvidos sob o planejamento direção e execução dos seus próprios líderes, sem uma participação consciente da população atingida por eles. É uma ação para o povo e não do povo. Devemos reconhecer que suas atividades nesta área constituem-se num avanço significativo diante do descaso quase total verificado nos dois projetos anteriormente analisados. É certo, contudo, que tais atividades no fundo não visam incorporar-se ao processo de mudança socialmente significativo, mas sim ajudar a modernização da situação vigente, reformando, portanto, status quo. Tem havido muita confusão na Igreja porque freqüentemente elementos seguidores deste modelo se pronunciam sobre assuntos de ordem social e política, inclusive nos púlpitos da Igreja. Acontece que o

radicalismo em muitas ocasiões é só verbal, sem que haja na prática qualquer diferença daquilo que os próprios grupos tradicionais estão fazendo em seu trabalho. Apesar de socialmente parecer progressista, a ação social promovida por este modelo politicamente tem a tendência de se tornar conservadora, pois desde os direitos humanos convencionais sejam preservados, não se leva a sério a questão dos direitos sociais e econômicos dos setores sociais mais desfavorecidos, pois o que mais freqüentemente ocorre é que o compromisso é apenas retórico, sem nenhuma coerência prática do dia-a-dia.

A área que é privilegiada no modelo ora analisado é a da educação cristã, conseqüência forçosa de sua concepção da ação por si própria modernizadora da sociedade desenvolvida pela educação. A educação cristã, contudo, é concebida como um processo articulado por aqueles que com o saber teológico e pedagógico, sem a participação direta dos amplos setores da igreja que não possuem acesso a tais conhecimentos. Creio que esta tem sido a razão das dificuldades constantemente experimentadas no uso da literatura produzida por nossa igreja para o uso das escolas dominicais (basta lembrar que as motivações que nos levaram a produzir o nosso próprio material de escolas dominicais, desgraçadamente às expensas do material que servia aos grupos societários, foram basicamente de índole modernizadora, já que se argumentava que o material então usado estava completamente desatualizado).

Diferentemente dos dois modelos anteriormente (salvo poucas exceções), o modelo liberal-progressista procura recuperar o compromisso ecumênico do Metodismo histórico. Participando desde o começo do movimento ecumênico contemporâneo, o setor reforçou suas atividades nesta área especialmente após o Concílio Vaticano II, quando a Igreja Católica finalmente abriu-se para o relacionamento com os grupos não católicos que passaram a ser conhecidos não mais como "irmãos separados", mas como "comunidades eclesiais". O problema aqui também complicou-se devido ao fato de que os defensores do modelo em sua maioria entraram em relação com outros grupos cristãos, e especialmente com a Igreja Católica, sem nenhum compromisso concreto com o pensamento teológico próprio à Igreja Metodista. O que se verificou então foi o que jocosamente se denominou de "ecumenismo festivo". A grande maioria da Igreja viu perplexa os "inimigos" de ontem, transformando-se nos irmãos de hoje, entrarem em nossos templos e ocuparem nossos púlpitos, sem que entendessem direito o que estava acontecendo. Especialmente no caso católico-romano não tem havido por parte deste modelo a preocupação de evidenciar com clareza quais os pontos onde permanecem divergências sérias entre nós metodistas e os católicos. Ignora freqüentemente no diálogo com os católicos as diferentes tendências existentes no interior da Igreja Romana, a fim de que se possa saber com clareza que são os interlocutores envolvidos no diálogo ecumênico. Mesmo a pastoral do Colégio Episcopal de dezembro de 1965, que trata do assunto em um capítulo especial, o fez já quando a situação se tornava bastante confusa. O problema ainda hoje causa grandes dificuldades a grande parte da Igreja, conforme se pode verificar nos constantes ataques ao ecumenismo aparecidos na sessão de cartas dos leitores do Expositor Cristão - A verdade é que nunca se procurou um amplo debate sobre ecumenismo junto aos setores majoritários da Igreja. Simplesmente lhes foi imposto algo que sempre lhes pareceu estranho, quando não herético.

Em face a proposta tão díspares e que não raro se acham mencionados entre si, é de admirar que choques insuperáveis não tenham ocorrido até agora entre nós e que divisões trágicas, como a ocorrida em 1967, não tenham verificado mais amiúde. Mas ainda assim o preço tem sido muito alto - é só lembrar a crise da Faculdade de Teologia de 1968, a perda de grande parte da juventude dos anos 60 e 70, e a eclosão nem sempre dentro dos parâmetros metodistas de movimentos como o carismático.

O fato realçado até agora é a desvinculação efetiva dos três modelos de ação pastoral da Igreja da proposta feita pelo Plano Quadrienal. Nenhum deles corresponde coerentemente à proposta evangelística feita no Concílio Geral de 1978. A conseqüência é que cada grupo toma do Plano Quadrienal aquilo que lhe interessa e se esquadra dentro de sua visão particular, de acordo com as opções individuais, não levando em consideração as propostas que vão contra o seu projeto.

Pessoalmente, creio que não podemos continuar assim. O Plano Quadrienal foi preparado inicialmente por um grupo que era altamente representativo dos diferentes setores da Igreja; posteriormente, após longa discussão no Conselho Geral, foi analisado, alterado e aprovado pelo Plenário do Concílio Geral da Igreja, a mais alta instância de decisão de nossa denominação, e que também se constituiu num corpo representativo de toda Igreja. É chegado o momento de o tornarmos a sério na vida de nossas Igrejas locais, instituições e órgãos administrativos.

Qual seria então o modelo de ação da Igreja coerente com a proposta do Plano Quadrienal?

Parece-me útil regressarmos ao Metodismo primitivo para ali redescobrirmos as raízes do chamado peculiar que Deus nos tem feito, e procurarmos à luz das exigências de hoje percebermos a sua relevância, atualizando-as às necessidades da Missão.

NOSSA HERANÇA - O AVIVAMENTO METODISTA DO SÉCULO XVIII

O Metodismo é caracterizado por um dos seus estudiosos mais sérios, o Dr. Rupert Davies, atualmente professor do Seminário Metodista de Bristol, Inglaterra, em sua excelente obra "Methodim", da seguinte maneira:

1) O metodismo aceita completa e totalmente as doutrinas fundamentais da Fé Cristã, conforme enunciadas nos Credos históricos. Esta aceitação, contudo, não é condicionada por uma atitude doutrinária, de defesa intransigente da ortodoxa, como é o caso de outras confissões protestantes na preservação da reta doutrina, especialmente entre os grupos fundamentalistas e conservadores. O metodismo está convencido que a ortodoxa que não se manifesta e não é nutrida através de uma autêntica vida devocional e o exercício prático em amor das exigências cristã da vida cotidiana, se constitui em algo sem valor, e é abominável a Deus. Se o metodismo tivesse que escolher entre a ortodoxa doutrinária e a religião prática e experimental, não hesitaria em ficar com a segunda alternativa.

2) O metodismo afirma que o cerne da vida cristã está na relação pessoal com o Senhor Jesus Cristo, que nos salva, nos perdoa, nos transforma e nos oferece a vida abundante que flui da comunhão do crente com Deus.

3) O metodismo recuperou para a Igreja a ênfase na ação e na doutrina do Espírito Santo como poder vital para a Igreja, tanto no testemunho comunitário como na piedade pessoal, sem o que não se pode cumprir os mandamentos do Senhor e a vida da comunidade cristã transforma-se em algo sem expressão e relevância para o mundo.

4) O metodismo reconhece a necessidade de uma vida de forte disciplina comunitária, baseada no amor de Deus nos infunde pelo seu Espírito, afim de que se torne possível o esforço contínuo e paciente dos crentes para viver em Cristo a santidade, tanto pessoal como socialmente, conforme Wesley mesmo afirmou: "o Evangelho de Cristo não conhece outra religião senão a religião social; não conhece outra santidade a não ser social" e "torná-lo em religião solitária é uma verdade destruí-lo".

5) O metodismo caracteriza-se por sua paixão em fazer o Evangelho conhecido, de tal sorte que o amor e a misericórdia de Deus, relevado no ministério salvífico de Jesus Cristo em benefício de todos os homens e mulheres, de todos os lugares e épocas, sejam comunicados e aceitos da forma mais abrangente e do modo mais persuasivo que se puder alcançar.

6) O metodismo demonstra permanente e generosa preocupação pelo bem-estar não só espiritual, mas também material, dos necessitados, de modo especial os pobres e os marginalizados sociais.

7) O metodismo preocupa-se em desenvolver de forma adequada o conceito de ministério cristão em que clérigos e leigos desempenhem com igual eficácia a Missão que Deus lhes confia, ambos ministérios essenciais para a Evangelização do mundo, participando lado a lado da pregação do Evangelho, da assistência, nutrição e capacitação do crente, para a Missão, e da administração tanto espiritual como material da Igreja. Esta participação de leigos e clérigos no ministério total da Igreja é básica para a preservação tanto da unidade como da verdade; é de dentro desta preocupação que o metodismo desenvolve o seu conceito de conexionalidade e afirma ao mesmo tempo sua unidade com a Igreja Universal de Cristo, e reconhece e aceita o ministério específico que Deus lhe outorgou, através da vida e obra dos irmãos Wesley e seus heróicos companheiros participantes do avivamento metodista no século XVIII.

A experiência religiosa de João Wesley (e de seu irmão Carlos) progressivamente o foi conduzido à convicção que Deus levantava dentro da Igreja da Inglaterra um ministério extraordinário que sem invalidar o ministério ordinário (ministros ordenados para o exercício dos deveres sacerdotais), deveria restaurar a pregação da verdadeira da Palavra de Deus.

O ministério ordenado é essencial à Igreja porque garante a unidade da comunidade cristã e a continuidade das ordens sagradas. Unidade e continuidade que são vitais para a Igreja continuar a ser Igreja, afim de que sua Missão se dê dentro da universalidade da comunidade da fé.

Tão essencial à Missão como a unidade é também a verdade. Na medida em que os Wesley vão percebendo que mesmo preservando a unidade e a continuidade da Ordem da Igreja da Inglaterra, o ministério anglicano não preserva também a pregação da verdadeira Palavra de Deus, sentem-se eles mesmos carentes em redescobrir a fonte da autêntica vida cristã. A famosa frase de Wesley "Fui à América converter os índios; mas, quem converterá a mim?" expressa o drama enfrentado na busca dessa fonte.

A partir de experiência de 24 de maio de 1938 (seu irmão Carlos teve experiências semelhante quase na mesma data), quando Wesley passa a viver existencialmente a justificação pela fé, gradualmente se coloca para ele a tensão entre a necessidade da unidade da Igreja e a necessidade da verdade na Igreja. (O conceito verdade não é entendido como algo estático e abstrato, mas é concebido como algo dinâmico e profundamente prático e existencial).

Sendo a Missão a marca fundamental da Igreja ("Ide" - "Vós sereis minhas testemunhas"), para que ela se dê é necessário que a Palavra de Deus seja proclamada de forma correta, entende-se por correta não simplesmente a conceituação verbal expressa em termos de ortodoxia, mas sim como tendo o poder de conduzir as pessoas à descoberta existencial do que é ser nova criatura em Cristo. Daí Wesley pouco a pouco ir percebendo e desenvolvendo firme convicção de que a preservação da unidade não pode nunca se constituir em obstáculo à preservação da verdade, por que se assim ocorrer a própria Missão escapa à Igreja.

Os Wesley, no seu afã proclamar a verdadeira Palavra de Deus, vão vendo os púlpitos anglicanos sendo fechados e negados. Sua convicção, entretanto, é muito forte. Se a hierarquia da Igreja rejeitava e impedia tal proclamação, não havia porque parar ou renunciar a este ministério específico que Deus lhes confiara. O ministério que Deus agora levanta não é de índole sacerdotal, mas acima de tudo profético, com a tarefa de proclamar o verdadeiro Evangelho, as boas novas de salvação, e de ajudar os crentes a desenvolver sob a ação do Espírito a nova vida que Cristo lhes oferece. É para este ministério profético extraordinário que Deus desperta o metodismo, sem que se pretenda de forma alguma a usurpação da tarefa sacerdotal do ministério ordinário da Igreja Anglicana.

O surgimento entre os metodistas dos pregadores leigos itinerantes foi uma consequência lógica desta visão de Wesley com respeito à tarefa do Metodismo. Unidos entorno de Wesley, em comunhão e conexão com ele, os pregadores profetas do metodismo vão ser a mola mestra do avanço do avivamento wesleyano.

Os objetivos do ministério do Metodismo podem ser sintetizados em três ditos famosos de Wesley:

- 1- "Permita-me dizer-lhe os meus princípios neste assunto. Tenho o mundo todo como minha paróquia; assim, seja qual for a parte em que eu esteja julgo ser meu justo e estrito dever anunciar, a todos os que queiram ouvir, as alegres novas da salvação. Esta é a missão para a qual Deus me chamou, isso tenho certeza, e estou certo de que a sua bênção me assiste nisso". (Cartas de Wesley, Vol I, pág. 285-286)
- 2 - "Vocês não tem outra tarefa a realizar senão salvar almas; portanto, gastem-se e deixem-se ser gastos neste trabalho. E atinjam sempre não só aqueles que gostam de vocês, mas sobretudo aqueles que mais necessitam de vocês". (Obras de Wesley, Vol VIII, pág. 310)
- 3 – "O que podemos razoavelmente crer ser o desígnio de Deus, ao levantar os pregadores chamados metodistas? Não para formar qualquer seita nova; mas sim para reformar a nação, particularmente a Igreja, e para difundir, sobre toda terra a santidade bíblica". (Obras de Wesley, Vol II, pág. 299).

Consideremos o núcleo central destes três pensamentos de Wesley.

A visão de Wesley quanto ao âmbito da ação da Igreja mesmo após a experiência de maio de 1738 era determinada por sua formação anglicana, sendo bastante estreita e limitada. É com tristeza e relutância que vê as portas dos templos anglicanos sendo fechadas por ordem da hierarquia da Igreja, revoltadas com as mensagens que passara a pregar. Seu desejo era continuar pregando nos templos e em nenhum outro lugar. Mas isso vai rareando e as próprias contingências vão lhe forçando a descobrir que o âmbito de seu trabalho não seria as quatro paredes dos templos que ele tanto amava e respeitava. Só quando se vê rejeitado é que admite assumir outro tipo de trabalho - a pregação fora dos templos: nas praças, nos campos, nos mercados, nas minas. Isto vai ser determinante para a ação evangelística do movimento metodista. Sua lealdade à Igreja da Inglaterra, ainda que imorredoura, vai ser sujeita à consciência do chamado para exercer um ministério extraordinário no meio do povo inglês.

Seguro de que em Cristo encontrava a segurança de salvação que tanto buscara, agora sentia liberarem-se as energias que havia gasto na procura de sua própria salvação. Lançava-se sem reservas a um novo objetivo: a salvação dos outros. Aqui lembrando as célebres palavras de Dietrich Bonhoeffer (sem tentar confundir as situações diferentes que viveram), Wesley "deixou de ser um homem para si, e passou a ser um homem para os outros, a exemplo de Jesus Cristo".

Após um período de certa hesitação do Rev. John Wesley quanto a legitimidade da pregação fora dos templos anglicanos, vai prevalecer a consciência da urgência da evangelização do povo Inglês. Sua visão quanto ao âmbito da ação de Deus vai romper com as fronteiras estreitas do passado; agora, o mundo é a minha paróquia. O lugar que for, onde estiver, ali é o palco da ação de Deus; ali mediante a ação do Espírito a Palavra de Deus em Cristo se faz carne, se faz vida - perdoa, salva, transforma.

Wesley assume este ministério com certas convicções teológicas básicas:

- 1- Nenhum ser humano a priori está excluído da misericórdia salvífica de Deus, quer por seu estado de pecaminosidade, quer por um decreto eterno de Deus;

- 2- A salvação, dádiva de Deus, não exime o ser humano da sua responsabilidade pessoal, pois foi dotado da capacidade para decidir sobre o destino da sua própria existência, podendo aceitar ou rejeitar os propósitos de Deus para a sua vida;
- 3- O objetivo da nova vida em Cristo é conduzir o crente a crescer na graça de Deus mediante o processo de contínua santificação. O processo de amadurecimento cristão visa levar o discípulo de Cristo a crescer em amor a Deus e ao próximo. A santidade que vem de Deus não pode ser vivida solitariamente, mas tem que ser experimentada em meio das realidades cotidianas, pois ao contrário seria o fim do cristianismo.

São estes pilares de convicções que com o passar do tempo consolidam o movimento metodista e vão produzir uma vivência cristã que leva a assumir a responsabilidade em participar conscientemente na tarefa de fazer do mundo o âmbito do testemunho e do serviço dos cristãos.

Ao proferir as palavras "Vocês não tem outra tarefa senão ganhar almas", Wesley estava se dirigindo aos pregadores metodistas, apresentando uma das suas regras básicas. A maioria destes pregadores eram leigos. A princípio Wesley mostrou-se relutante em aceitar o fato de que homens não ordenados poderiam ser usados na tarefa de proclamar a verdadeira Palavra de Deus. Logo depois, porém ao perceber o grande potencial evangelístico dos leigos, se torna um ferrenho defensor de tal ministério. Não fora o emprego destes homens que tal serviço, não teria sido possível a Wesley enfrentar a indiferença e hostilidade do clero anglicano à sua ação evangelística. Assim se tornou possível levar adiante a expansão do movimento metodista.

Mediante o trabalho leigo dos pregadores, unidos a Wesley em estreita conexionalidade, o ministério profético extraordinário outorgado por Deus ao povo metodista veio a se constituir num corpo de homens que viveram, e mais que isto, morreram pela evangelização do povo. Não devendo, contudo, esquecer o fato de que embora sendo homens simples, Wesley exigia que se preparassem o melhor possível para o ministério de pregador metodista.

João Wesley percebeu logo tal potencialidade de um grupo de leigos realmente convertidos, com preparo adequado e zelo incondicional. "Foi a partir dessa constatação que o gênio inovador, organizador e prático de João Wesley, inicia o seu trabalho pioneiro na organização de seu grande exército de pregadores, cujas marcas mais significativas são a sua obediência, a sua mobilidade e a sua exclusiva dedicação". (Ênfases Metodistas no Ministério Pastoral - Documento do Conselho Geral - nº 1).

Ao dar esse conselho aos pregadores, é claro que Wesley tinha em mente como seu objetivo primeiro a salvação das almas de seus ouvintes. Nós seríamos insensíveis entretanto ao desdobrar histórico do metodismo se limitássemos nossa compreensão a termos somente "espirituais". O testemunho da ação dos metodistas primitivos fala por si só da maneira ampla e abrangente como Wesley e seus seguidores vão compreender a expressão "salvar almas". Na prática, a preocupação de Wesley não era salvar as nossas só para a vida futura, mas também para esta presente existência. As almas não existem sem corpos, e os seus corpos são alvo da salvação que Cristo ofereceu. Ao comentar o texto de Mateus 3-2 em suas Notas do Novo Testamento, assim se expressa Wesley:

"O reino do céu e o reino de Deus são expressões sinônimas. Elas significam não um estado feliz somente para o céu, mas um estado a ser gozado aqui na terra".

O conceito que Wesley vai desenvolver na prática sobre a expressão "salvar almas" vai muito além daquela conceituação corrente em nossos dias. Wesley não vai se interessar somente pela dimensão religiosa da vida, como se fora possível tê-la num compartimento completamente isolado do restante da existência das pessoas. Sua visão abrangente, Wesley gradativamente assumirá posições sobre assuntos que dentro da divisão dualista entre o sagrado e o profano escapam a pronunciamentos de um líder religioso, tais como as causas sociais e econômicas que

determinam a produção das bebidas alcoólicas (crítica o desvio dos cereais da mesa dos pobres para sua transformação em "Whiskys", com o objetivo de mantê-los através do vício inconscientes em sua miséria, aumentando ao mesmo tempo as riquezas, as propriedades e os suntuosos palácios dos destiladores da bebida); a indignidade da escravidão (pois além de violar as leis de Deus, visa satisfazer a ganância dos traficantes de escravos e dos senhores coloniais, ao preço do sofrimento aviltante de milhares de setes criados à imagem de Deus; rejeita terminantemente que a escravidão fosse necessária ao desenvolvimento econômico da Colônias da América do Norte); sua preocupação constante com o sofrimento dos trabalhadores motivado pelo açambarcamento dos gêneros alimentícios; e sua completa aversão à guerra.

Vivendo junto ao povo pobre, compartilhando com ele o seu sofrimento, Wesley vai descobrir que a miséria não é obra do acaso nem motivada por ato da vontade de Deus, mas conseqüência do egoísmo e da ganância dos ricos. Ele vai afirmar que se aqueles que observam os mandamentos de Deus empregassem o dinheiro que acumulam de melhor maneira, um parte do que antes seria somente para engordar comerciantes ricos para o inferno, seria suficiente para alimentar, vestir e dar emprego a muitos pobres que buscam os céus. Também ataca o procedimento de se desviar alimentos para tratamento de cavalos de raça para serem exportados (!) para a França, enriquecendo assim os ricos fazendeiros e obrigando o povo a pagar alimentos a altos preços ou passar fome. Propõe, então que se feche as destilarias, reduza-se a criação de cavalos, taxando-se com impostos adicionais os que possuírem cavalos de raça, e obrigue-se a cultivar os campos não cultivados.

Para Wesley salvar almas não é um meio de se escapar dos conflitos concretos da vida cotidiana, pois mover campanhas contra toda a impiedade e injustiça se constitui um dos meios mais nobres de se confessar a Cristo (Cf. Sermão de Wesley, Vol. II, pág. 525). Pouco antes de morrer, aconselha a Wilberforce: "Vá, em nome de Deus, na força do seu poder, até que a escravidão americana, a mais vil jamais vista debaixo do sol, desapareça para sempre". O grande evangelista, o homem com grande paixão pela salvação das almas, está interessado no ser humano em toda a sua inteireza - corpo e alma - sem dividir o que pela vontade de Deus se fez um só ser, uma só vida.

Não é de se estranhar que Wesley mantenha junto ao objetivo de "salvar almas", o objetivo de "reformatar a nação", particularmente a Igreja". Embora a expressão "reformatar" a princípio fosse concebida em termos morais e religiosos, a verdade que mais e mais vai acabar aspectos sociais e econômicos, como fica evidenciado em seus escritos especialmente contra a produção e venda de bebidas alcoólicas, e contra a escravidão enquanto meio de manutenção de uma estrutura econômica. É fato que Wesley esperava que na medida em que homens e mulheres fossem atingidos em maior número pela salvação em Cristo, tal reforma seria mais possível; entretanto, o seu compromisso evangelístico não foi usado como argumento para justificar qualquer atitude de acomodação ou insensibilidade face aos problemas sociais que reclamavam seu autêntico, destemido e evangélico testemunho. Wesley nunca separou o evangelista do profeta. Wesley foi homem de Deus para o seu tempo. Não podia calar-se diante das injustiças que presenciava. Estava consciente de que a situação do seu povo tinha que sofrer profundas transformações. A miséria, a injustiça, a podridão moral, o relaxamento espiritual da Igreja oficial, sua falta de responsabilidade para com o povo, sua convivência com o estado precário do país, tudo clamava aos céus. Deus levantava o povo metodista para reformatar a nação. O campo da missão era o mundo.

Devemos ressaltar, ainda, a firme convicção de que a Igreja também precisava de reforma. Wesley renova o clamor dos reformadores do século XVI, "Igreja reformada, sempre reformando!" A crise do país havia atingido a Igreja. Importava recuperar-se as marcas autênticas do povo de Deus, especialmente a dimensão missionária - tinha que se evangelizar a Igreja e a Inglaterra. Era vital para a Inglaterra que a Igreja se deixasse renovar pela ação do Espírito de Deus. O Metodismo era instrumento de Deus para tal renovação.

Para cumprir a Missão de Deus é necessário que a Igreja esteja edificada e capacitada. Este processo de nutrição só é possível quando há vitalidade na família da fé, através do estudo da Bíblia e da prática da oração, da disciplina comunitária, do espírito de apoio mútuo, de companheirismo e solidariedade. Neste contexto se desenvolve a coesão da comunidade e se determina a identidade do grupo, infundindo-lhe a consciência da Missão, e a prática da santidade é extensiva a vida privada e às relações sociais.

Wesley, entretanto, estava convicto que o chamado de Deus não se limitava à Inglaterra e à sua igreja. Deus levantava o povo metodista para difundir a santidade bíblica sobre toda a terra. A consciência quanto à universalidade da Igreja está intimamente ligada à convicção à universalidade da missão. A catolicidade e a ecumenicidade ardentemente defendidas por Wesley não se justificam em si e para si, mas sim por causa do imperativo da universalidade da tarefa missionária - "Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura". A santidade de Deus precisa ser espalhada por todo o mundo. Por isso que a obra de Deus não pode se limitar às fronteiras de um país, se condicionar aos valores de uma cultura, se constituir em privilégio de uma só raça, corromper-se na defesa dos privilégios injustos de uma classe ou de um sexo (Colossenses 3:11). Por isso, o que acontece na Polônia ou na Bolívia, no Cambodja ou África do Sul, nos Estados Unidos ou no Brasil, deve ser também alvo de nossas preocupações e responsabilidade missionárias. A Igreja de Deus é Universal.

Outro ponto a realçar é o tipo de gente que vai ser atingida pelo avivamento metodista. Ainda que as multidões atingidas por Wesley e os seus companheiros se constituíssem e gente procedente das diferentes classes sociais, a verdade é que a maioria delas era da gente pobre. Repete-se novamente o que a Bíblia testemunha em todas as suas páginas, tanto no Antigo como no Novo Testamento: os pobres aceitam com júbilo a ação misericordiosa de Deus, enquanto os ricos rejeitam o anúncio da salvação.

O processo de reforma do país e da Igreja vai acontecer não dentro dos templos e das mansões, mas com a evangelização das massas trabalhadoras e marginalizadas, que jamais haviam penetrado num recinto religioso andrajosos como viviam. É difícil descrever sem carregar nas cores sombrias a miséria dos pobres da Inglaterra de Wesley, no início da Revolução Industrial. Ademais da miséria, havia muita ignorância, brutalidade e violência especialmente nas zonas urbanas, onde as camadas baixas da população não conseguiam de acordo com os códigos de moralidade da época. O roubo e a violência eram às alternativas que lhes restavam para fugir à extrema pobreza que lhes oprimia sem fim.

Foi este tipo de gente que constituía a grande maioria da audiência do grande evangelista. Wesley tornou-se o supremo apóstolo dos pobres, que o escutavam com extrema alegria. Ele cativava a atenção da classe trabalhadora. Wesley não escondia sua certeza de que sentia ser a sua principal missão entre a gente pobre da Inglaterra. Exatamente aquela multidão que estava marginalizada tanto sócio-econômica, como espiritualmente. Wesley abrigou-a em seu coração; apegou-se de forma inseparável aos desprivilegiados. Com eles conviveu a ponto de declarar *"Tolero os ricos. Amo os pobres; por isso, vivo com eles a maior parte do meu tempo"*. (Cartas de Wesley, Vol. IV, pág. 266). Foi sua preocupação constante que aos pobres fosse proclamado o Evangelho. Muitos dos seus biógrafos atribuem a este fato a chave do seu sucesso evangelístico, pois foi sensível aos clamores dos pobres. É interessante notar que somente quando se encontra com tais multidões, após a rejeição que sofre por parte da hierarquia anglicana, é que Wesley começa a ver o resultado de seu trabalho. Mesmo após experiência de maio de 1738 enquanto pregou nos templos a anglicanos tal resultado não se fez perceber, mas em contato com o povo por quase cinquenta anos os frutos foram em abundância. Ele foi chamado de "o pastor do povo". Não é de se estranhar que tenha declarado *"sou administrador de Deus para servir aos pobres"*. (Obras, XII, pág. 288)

A guisa de ilustração cito a seguir alguns de seus pensamentos sobre a pobreza:

- "Ao Cristão não satisfaz o abster-se meramente da prática do mal. Sua alma tem sede de fazer o bem... Tendo, pois, oportunidade, se não pode fazer obras de mais alta valia (o grifo é meu), ao menos alimenta os famintos, veste os nus, auxilia os órfãos e os peregrinos, visita e ajuda os que estão enfermos ou presos. Dá todos os seus bens para o sustento dos pobres. Regozija-se em trabalhar ou em sofrer por eles". (Sermões, Vol. I, pág. 87).

- Muitos de nós irmãos, amados de Deus, não têm comida para comer; não têm vestidos para vestir-se; não têm onde reclinar sua cabeça. E por quê estão assim afligidos? Porque vós ímpia, injusta e cruelmente retendes aquilo que o vosso Mestre, que é também o deles, coloca em vossas mãos para suprir as suas necessidades. Olhai aquele pobre membro de Cristo, premido pela fome, tremendo de frio e seminu, enquanto vós tendes em abundância dos bens deste mundo; comida, bebida e vestimenta. Por quê não repartis vosso pão com o faminto e cubrés ao nu com roupas?"

"Aquele que não dão tudo - consumindo só o que é necessário para prover as suas carências próprias e de seus familiares - não só roubam a Deus, desfalcando e defraudando os bens do seu Senhor... mas também roubam ao pobre, ao faminto, ao nu, ofendendo a viúva e ao órfão, fazendo-se responsáveis por toda a necessidade, aflição e miséria que eles poderiam eliminar: porém não o desejam". (Citações em Artigo de Douglas Tanner, revista Kairós, pág. 5-8, Lima. 1979).

"Tem a pobreza alguma coisa pior de si mesma do que isto: tornar os homens capazes de rir-se dela? Isto indica que esse poeta ocioso ia pelas estradas a falar de coisas que não sabia. A falta de alimento não é algum tanto pior do que aquilo? Deus qualificou como maldição do homem o fato de que este angariasse o alimento "com o suor de seu rosto". Mas no presente muitos há neste país cristão que labutam, trabalham e suam, e afinal não têm alimento, mas ao mesmo tempo mourejam com aflição e fome. Que coisa há de pior para alguém do que, após uma rude jornada de trabalho, regresse a um casebre pobre, frio, sujo, desconfortável, e aí não encontra nem sequer o alimento necessário à reparação das energias gastas? Vós, que levais na terra vida fácil, que não sofreis falta de coisa alguma, a não ser de olhos para ver, ouvidos para ouvir e coração para sentir quão bondoso tem sido Deus para convosco - não é pior buscar o pão dia após dia, e nada encontrar? Talvez também buscar o alimento de cinco ou seis crianças gritando por aquilo o que o pai não tem para dar? Não acontecesse que mão invisível o contivesse, logo não faria ele isto: "amaldiçoar a Deus é morrer? Oh! falta de pão! Quem pode dizer o que significa isso, a não ser que tenha passado por semelhante falta? Admiro-me de que ela não produza mais do que aflição, mesmo nos que creêm! (Sermões, Vol. II, pág. 428-429).

CRITÉRIOS PARA A FORMULAÇÃO DE UMA AÇÃO PASTORAL PROFÉTICA

Bispo Paulo Ayres Mattos

A experiência do coração aquecido forjou um modelo evangelístico que pode ser considerado ímpar na história da Igreja. Somos herdeiros desta extraordinária experiência. Nela encontramos nossas raízes. Ela deve ser nossa fonte de inspiração para discernirmos hoje, aqui onde Deus nos tem colocado, as exigências de nossa tarefa evangelística.

Estou convicto que a proposta evangelística do plano Quadrienal em linhas gerais é coerente com a experiência do Metodismo primitivo, pois de certa forma procura recuperar a dimensão profética do ministério de testemunho e serviço que a Igreja deve desempenhar no mundo, ainda que contradições decorrentes de nossas dificuldades presentes tenham impedido uma formulação de atividades mais compatíveis com as características de nossas congregações e as necessidades concretas às nossas tradições wesleyanas, fazendo-se abandonar os modelos que adotamos sem levar em consideração nosso compromisso as necessidades do nosso povo, perdendo assim nossa razão de ser enquanto metodistas. Se este intento não puder se consumir então é melhor trocar o nome da denominação, renunciando definitivamente a nossa comunhão com a Família Metodista.

Creio, contudo, que não é este o caso. O Espírito de Deus, que levantou o seu povo chamado metodista, certamente nos conduzirá ao nosso verdadeiro lugar dentro da comunhão das demais confissões cristãs para a efetiva evangelização do mundo.

Como consequência da análise que acabo de fazer, permitam-me propor alguns critérios que considero básicos para este processo de reforma da Igreja em seu esforço para ser mais fiel ao seu Senhor, em perfeita concordância com a tradição forjada no avivamento metodista do século XVIII e com as propostas do Plano Quadrienal aprovado pelo concílio Geral de 1978. Tais critérios representam a atualização relevante do ministério profético assumido com entusiasmo e fervor pelos primeiros metodistas. São essenciais para que as necessidades e exigências da Missão sejam satisfeitas na mesma forma em que Wesley e os seus companheiros o fizeram. Constituem-se num desdobramento dos três pensamentos wesleyanos que anteriormente descrevemos.

1) Nossa evangelização precisa se fundamentar na totalidade da mensagem Bíblica, aceitando-se o seu testemunho em sua inteireza, evitando-se a todo o preço cair na tentação de só nos fixarmos naqueles textos que nos interessam particularmente. A Bíblia leva às últimas consequências as exigências de Deus sobre as dimensões da vida e não só sobre as que consideramos religiosas. Devemos rejeitar toda tentativa de se alegorizar ou espiritualizar os textos que tratam das realidades terrenas à luz da fé.

2) Nossa evangelização precisa ser um reflexo de nosso reencontro com a pessoa de Cristo em sua realidade divino-humana, tal como nos é comunicada nos Evangelhos. Jesus assume a vida humana em suas necessidades mais básicas, fazendo-se pobre e com eles compartilhando sua sorte, afim de que não através do poder humano pudesse nos garantir a possibilidade de viver a vida que Deus deseja para os homens e mulheres, mas sim mediante o poder da cruz. Devemos proclamar o Cristo que anunciou: "O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar aos pobres"; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para por em liberdade os oprimidos, e apregoar o ano aceitável ao Senhor. (Lucas 4: 18-19)

A vida e obra de Jesus Cristo estão cheias de significado para nós porque são em si mesmas a manifestação plena dos propósitos de Deus para todos os seres humanos. Nele Deus participa de maneira radical de nossos sofrimentos e anuncia as novas possibilidades de vida para cada ser humano e para todo o mundo. Ao identificar-se redentoramente com os desprezados e odiados, com os desesperados e aflitos, com os oprimidos e injustiçados, Deus nos abre a porta para a nova vida e o novo mundo, possibilitando-nos a vivência de nossa plena humanidade conforme manifestada em Cristo.

Este processo de salvação se dá de maneira conflitiva, pois Jesus encontra severa oposição por parte daqueles que tinham o seu projeto de vida baseado no egoísmo, no pecado. O clímax do conflito se dá na cruz, símbolo ao mesmo tempo do nosso fracasso e da nossa libertação, pois denuncia a radicalidade do pecado humano, que procura sufocar os propósitos salvíficos de Deus, mas também anuncia a radicalidade do amor de Deus que não se poupa para si mesmo mas se oferece em morte para que reconquistemos a vida.

A cruz segue-se a ressurreição, anunciando que a vida é mais forte que a morte, que o amor é mais forte que o ódio, que a solidariedade é mais forte que o egoísmo, que a graça é mais forte que o pecado. A ressurreição de Jesus é a razão de toda nossa esperança, nos lembrando que não podemos nos submeter aos poderes deste mundo; a opressão não tem a palavra final. Jesus é Senhor!

3) Nossa evangelização necessita ser a expressão de uma Igreja impulsionada e orientada pelo Espírito Santo. A pastoral sobre a doutrina do Espírito Santo nos fala muito do significado da presença e da ação do Espírito na vida da Igreja. A concessão do dom do Espírito

Santo é condição sine qua non para que os sinais do Reino de Deus irrompam aqui e agora. Sem ele nossa participação na Missão é impossível. Sua presença entre nós é garantia de que ação salvífica de Cristo se atualiza em nós e que o Reino que vem vindo é certo. A Igreja deve se submeter incondicionalmente ao Espírito para que possa participar consciente e responsavelmente na obra da construção do Reino de Deus. O poder do Espírito orienta, capacita e concede dons a Igreja na realização da Missão de salvar o mundo. E quanto isto é real na vida da Igreja então se dá de maneira eficaz a proclamação em palavras e atos de verdadeira Palavra de Deus, se cumpre a evangelização.

4) Nossa evangelização deve ser capaz de anunciar como Wesley - o mundo é a minha paróquia. Devemos renunciar toda atitude escapista e enfrentar o desafio de Cristo ao nos enviar ao mundo para realização do propósito salvífico do pai. O mundo confuso e tumultuado, vivendo suas contradições, agonias e sofrimentos, é objeto do amor de Deus (João 3: 16) e por isso se constituem campo da Missão. Somos advertidos de que não podemos nos deixar modelar pelos valores do mundo, mas também de que não podemos dele fugir; daí Jesus interceder ao Pai por nós pedindo que sejamos livres do mal. Devemos de uma vez por todas redescobrir a afirmação bíblica de que o mundo e a Igreja não existem como realidades separadas e estanques. A Igreja existe para que o mundo em Cristo encontrar sua identidade e destino. Não podemos de forma alguma limitar o objetivo da missão no mundo, para a sua salvação. É por isso que não podemos fugir às circunstâncias históricas onde o Senhor nos tem colocado exercendo a Missão, realizada sempre em lugar e tempo historicamente determinados.

Dentro da circunstância históricas concretas, a exemplo de Cristo, a Igreja se defronta com os deabólicos poderes da escravização e opressão de muitos irmãos e irmãs nossos. Esses poderes se manifestam tanto na vida pessoal como na vida social. Há estruturas que organizadamente criam obstáculos à plena salvação do ser humano; são os poderes das trevas, do ódio e da morte, as potestades e principados deste mundo. No desempenho de sua Missão a igreja, portanto, deve reconhecer que seu testemunho importa muitas vezes em situações de conflitos, pois os poderes das trevas reagem violentamente quando confrontados com o Evangelho de Jesus Cristo. A atitude da igreja em seu testemunho no mundo não pode ser de forma alguma ingênua, mas deve manter sempre uma atitude crítica da realidade que a cerca. É daí que Jesus tira a sua advertência quanto a possibilidade da perseguição, já que as forças ameaçadas pela ação salvífica de Cristo procuram sufocar o testemunho da Igreja. O importante é a certeza de que a vitória final pertence a Cristo ele tem as chaves da morte e do inferno!

5) Nossa evangelização deve estar comprometida em levar as pessoas atingidas pela ação da Igreja a confessarem Cristo como seu Senhor e Salvador. O ser humano precisa ser confrontado com a pessoa de Jesus Cristo a fim de submeter todas as dimensões de sua vida ao seu Senhorio, vivendo a vida plena que ele oferece. É essencial à Missão da Igreja que todos homens e mulheres possam ter a oportunidade de fazer sua opção em termos pessoais e de forma consciente, assumindo o estilo de vida que o Evangelho nos propõe, segundo o exemplo do próprio Cristo. Esta opção deve ser assumida não de maneira individualista, mas verdadeiramente comunitária. A opção é pessoal, mas é vivida no contexto da comunidade de fé, junto com outros irmãos e irmãs de forma solidária e sacrificial.

A preocupação da Igreja em atingir as pessoas com a mensagem do Evangelho é conseqüência de sua extroversão missionária, que não retém para si a graça que lhe é concebida pela misericórdia de Deus, mas sente alegria em compartilhá-la com os outros.

É importante, contudo, que afastemos qualquer tentação proselitista ou sectarista, fenômenos que nada têm a ver com a autêntica evangelização. O esforço evangelístico da Igreja só pode ser motivado pelo amor que se tem pelo próximo e nunca com objetivos animados por orgulho denominacionalista. Inclusive a própria Igreja necessita ser constantemente confrontada com Evangelho, convertendo-se ao seu Senhor, superando assim suas falhas, omissões e pecados.

Uma Igreja sensível aos clamores do mundo em crise e preocupada em comunicar o Evangelho de Deus, dentro da situação que vivemos, tem que ser uma comunidade com a mesma paixão que Wesley teve pelos pobres de seu tempo. Peço licença aqui para repetir o que já disse no Concílio Regional anterior:

"Num país onde a maioria da população é pobre, então temos que ser a Igreja onde os pobres encontrem o seu lugar. Nossa opção não pode, entretanto, ser uma decisão oportunista. É uma decisão imposta pelo Evangelho. Precisamos ser uma Igreja que em nome de Deus se proponha a servir aos pobres, colocar-se ao lado dos pobres, de suas lutas, de suas necessidades, de sua libertação, de sua salvação (Lucas 4: 16-21). Só cresceremos verdadeiramente se formos amigo dos pobres (Lucas 6: 20, 7: 22). Ora, isto exige de todos nós uma grande conversão pois nossos valores religiosos, morais, sociais, culturais e econômicos nos fazem perseguir uma vida cujo padrão por excelência é o dos ricos, que como indivíduo, quer como país. Não preocupamos mais com os pobres; por isso, a mensagem para nós hoje é a mesma de João Batista: "Arrependei-vos e crede no Evangelho". Se tivermos a graça dessa conversão, seremos uma igreja que compreenderá as palavras de Paulo no 1º Coríntios 1:26-29. Tal conversão exige de nós redimensionamento da vocação pastoral, da formação dos cristãos, da piedade pessoal, da disciplina comunitária, da vida e estrutura de nossas congregações. É preciso que recuperemos a vivência de Atos 2: 42-47; 4: 32-35. Esta é a Igreja que tem o poder do Espírito Santo".

6) Nossa evangelização deve estar permanentemente comprometida com a luta pela justiça social, dentro do espírito do nosso Credo Social.

Vale a pena citar a pastoral sobre a doutrina do Espírito Santo:

"Reafirmamos, nós, os bispos da Igreja, à vista desta compreensão bíblica e teológica sobre o relacionamento Reino-Esperito-Igreja, que tudo na Igreja deve estar subordinando aos propósitos divinos em estabelecer o seu Reino. Todas as dimensões da vida têm de se submeter aos interesses do Reino de Deus. Proclamamos a convicção de que a revelação de Deus conforme o encontramos na Bíblia nos testifica sobre o interesse de Deus em salvar a totalidade da vida humana (Mt 9: 6 cf. Is 2: 1-5, 9: 1-7, 11: 1-10). Reconhecemos que a libertação do indivíduo e da sociedade são igualmente objetos da vontade de Deus em salvar a todos, sendo aspectos inseparáveis da sua obra redentora. Cristo veio salvar o mundo - indivíduos e sociedades - redimindo-nos do pecado pessoal e social (Rm 8: 19-23 cf. Is 12: 10-20, 58: 1-12, 59: 1-21). Todos, homens e mulheres, que sob a ação do Espírito Santo confessam Jesus Cristo como Senhor são chamados a lutar para o estabelecimento do Reino de Deus - Reino de amor, de paz, de justiça, de liberdade e de alegria".

Em sua mensagem transformadora o Evangelho quer atingir o ser humano em sua totalidade, permitindo-lhe assim viver plenamente a nova vida que está em Cristo.

É conseqüência direta deste compromisso o envolvimento da Igreja nas questões sociais de nosso tempo. Este engajamento muitas vezes lhe impõe a exigência de se pronunciar sobre assuntos de ordem política, social e econômica. Sua fidelidade à justiça e ao direito proclamados em toda a Bíblia lhe obrigam a fazer tais pronunciamentos, pois calar-se é tornar-se conivente com a injustiça, a opressão e a exploração. Seu cuidado pelos pobres não admite posição de neutralidade de qualquer sorte; aliás isto é impossível. A Igreja recebe de Deus a tarefa profética de denunciar o erro, julgando em nome do Senhor a maldade contra os fracos e os humildes, e ao mesmo tempo anunciar a salvação que vem de Deus e destrona os opressores e os tiranos. Há irmãos que contestam o exercício deste ministério afirmando que a Igreja deve estar fora destes assuntos e não deve tomar partido em questões seculares. É certo que a Igreja nunca deve desenvolver qualquer ação em termos de política partidária, mas isto não significa que ela não deve exercer seu ministério profético. Quando a Igreja se pronuncia sobre questões socio-político-econômicas ela faz a partir de seu compromisso com o Reino de Deus e sua justiça, denunciando corajosamente o erro, a violência, a exploração e a opressão, que aviltam a dignidade do ser

humano criado à imagem e semelhança do Criador. Somente aos leigos cabe o engajamento em ação política partidária; neste caso, porém, nunca em nome da Igreja, mas sempre em nome das organizações políticas onde militam.

A Bíblia está cheia de exemplos desta ação profética acerca de assuntos políticos: Moisés e Faraó; Natã e Davil; Elias e Acab; João e Herodes; Jesus e Pilatos; Paulo e Agripa; Pedro e Sinédrio, podem ser alguns dos exemplos. Romanos 13 sempre estará subordinado ao exercício da justiça e do direito, pois onde isto não ocorrer "importa antes obedecer a Deus do que aos homens"!

7) Nossa evangelização deve ser o resultado do engajamento permanente do ministério leigo no testemunho e no serviço. Foi assim que tanto o cristianismo primitivo como o Metodismo do século XVIII puderam cumprir sua tarefa evangelística. Será completamente impossível realizar a evangelização do mundo de forma eficaz contando-se apenas com o trabalho do ministério ordenado. O que deve acontecer ;e a liberação das potencialidades do laicato para Missão, enquanto o ministério ordenado deverá dedicar-se à tarefa de nutrir e capacitar os leigos para a evangelização. A tarefa da educação cristã dentro desta perspectiva adquire valor imensurável, voltada para a Missão.

8) Nossa evangelização deverá ter sua aglutinação, mobilização e organização a partir de comunidades locais vivas, disciplinadas, cheias de espírito fraternal e solidário, com acentuada visão missionária, voltada para as necessidades do mundo a seu redor, acolhedora de todos, especialmente dos necessitados de amor, companheirismo e solidariedade - os marginalizados, os frustrados, os oprimidos, os pobres. As Igrejas locais deverão ao mesmo tempo fortalecidas em suas características metodistas e possuírem ampla visão da universalidade da Igreja Cristã; estar consciente de seu testemunho específico dentro da realidade em que está e de sua conexionalidade com todo o povo chamado metodista.

Uma ação enérgica no fortalecimento das comunidades locais visando o seu engajamento no ministério profético supõe uma metodologia adequada. Não se pode ignorar a realidade presente de nossas igrejas locais, muitas sem a devida consolidação. Devemos evitar qualquer pretensão elitista que não considere adequadamente o inserção consciente do povo de nossas comunidades no processo de transformação, evitando-se a todo custo decisões verticalistas e impositivas.

Devemos reconhecer que nenhuma mudança ou reforma será válida sem que o laicato seja participante pleno, ativo e consciente no processo, sem qualquer dependência clerical. O povo de nossas congregações deve ser sujeito e não objeto. Há uma sabedoria do povo simples que lhe é própria e que tem sido sufocada ou manipulada por outros. É importante que tal saber se manifeste entre nós. Todo processo brusco de ruptura deve ser evitado. Acima de tudo é preciso que unamos piedade e ciência, paixão e conhecimento objetivo, como proclamava Wesley.

Se conseguirmos desenvolver tais critérios, creio que o Plano Quadrienal será um instrumento de real renovação realizada pelo Espírito de Deus. Para tanto Deus nos ajude.

"Orai por nós, pois estamos persuadidos de termos boa consciência desejando em todas as cousas viver condignamente. Rogo-vos, com muito empenho, que assim façais a fim de que eu vos seja restituído mais depressa. Ora, o Deus da paz, que tornou a trazer dentre os mortos a Jesus nosso Senhor, o grande Pastor das ovelhas, pelo sangue da eterna aliança, vos aperfeiçoe em todo bem, para cumprirdes a sua vontade, operando em vós o que é agradável diante dele, por Jesus Cristo, a quem seja a glória para todo o sempre. Amém!"

Fraternalmente em Cristo

Nova Friburgo, 15 de janeiro de 1981

Bispo PAULO AYRES MATTOS